

A aventura de contar-se



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente
MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO
MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Margareth Rago

A AVENTURA DE CONTAR-SE

*feminismos, escrita de si e
invenções da subjetividade*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

R127a Rago, Luzia Margareth, 1948-
A aventura de contar-se: feminimos, escrita de si e invenções da subjetividade / Margareth Rago. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

1. Michel Foucault, 1926-1984. 2. Filosofia francesa. 3. Feminismo.
4. Subjetividade. 5. Educação feminina. I. Título.

CDD 194
301.412
121.4
376

ISBN 978-85-268-1017-4

Índices para catálogo sistemático:

1. Michel Foucault, 1926-1984	194
2. Filosofia francesa	194
3. Feminismo	301.412
4. Subjetividade	121.4
5. Educação feminina	376

Copyright © by Margareth Rago
Copyright © 2013 by Editora da Unicamp

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Capes, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

3ª reimpressão, 2021

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

Fascinada e surpresa com a presença expressiva e colorida das mulheres nas ruas, nas praças, nos cinemas, nos teatros, nas escolas, nas universidades, nas empresas ou na mídia, alegrando os espaços, carnavalizando a vida, subvertendo os códigos morais e transformando positivamente a cultura no país, decidi, há alguns anos, acompanhar as narrativas autobiográficas de algumas “feministas históricas”. Queria perceber como interpretam essas mutações culturais em nossa contemporaneidade e como veem suas próprias reinvenções subjetivas nesse contexto. Assim nasceu esta pesquisa, amplamente apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e agora transformada em livro.

Muitas pessoas participaram diretamente desse projeto, a começar pelas próprias feministas tematizadas, que não hesitaram em abrir seus arquivos pessoais e álbuns de recordações, levando-me para regiões inesperadas do passado e do presente. Sou muito grata a Amelinha, Criméia, Gabriela, Ivone, Maria, Norma e Tânia, pelo que me ensinaram com suas experiências de vida e reflexões

instigantes, não apenas nos anos de pesquisa, mas desde décadas atrás, quando ouvi falar em seus nomes, mas ainda não havia encontrado um motivo forte e convincente para me aproximar como desejava.

No Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde trabalho com o grupo de pesquisa “Gênero, subjetividade, cultura material e cartografia”, temos desenvolvido inúmeras investigações, dentre as quais destaco as que focalizam as criações feministas na política, na arte, na literatura e no cinema, no Brasil e na América Latina, inspiradas no pensamento feminista pós-estruturalista. Trata-se de um instigante campo de pesquisas históricas, a meu ver, que se reforça com o encontro de outras produções feministas orientadas pela filosofia de Foucault e que também se nutre dos aportes de Deleuze e Guattari. Assim sendo, com meus orientandos e pós-doutorandos, tenho tido trocas intelectuais e de amizade intensas e fecundas.

Na Universidade de Colúmbia (NY), onde passei os anos de 2010 e 2011, graças ao Programa Ruth Cardoso da Comissão para o Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos da América e o Brasil (Fulbright)/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), contei com o apoio imprescindível de Pablo Piccato e José Moya, diretores do Institute of Latin American Studies (Ilas), e com a amizade de Pamela Calla, antropóloga feminista ligada à New York University, que me apresentou o feminismo indígena latino-americano. Os historiadores “brasilielistas” Ralph Della Cava, James Green e June Hahner, pioneira dos estudos sobre as mulheres no Brasil, receberam-me de braços abertos e incentivaram meu trabalho, assim como os pesquisadores do “Brazil Seminar at Columbia” e do “Brazilian Center” dessa universidade, em especial a amiga Laura Randall, economista nova-iorquina, que teve a paciência de revisar meus textos.

As pesquisas se estenderam por muitos outros arquivos e bibliotecas, como o Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, a Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) dessa mesma universidade e o Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde fui recebida com muito carinho. Finalmente, contei com o incentivo do sociólogo e amigo Richard Miskolci, que leu a primeira versão do trabalho e fez comentários provocativos, que tentei incorporar na medida do possível. Gabriel Kolniak foi de grande ajuda no trabalho minucioso da revisão, assim como Lúcia Helena Lahoz Morelli, da Editora da Unicamp. Contei fundamentalmente com a acolhida do professor Paulo Franchetti, diretor da Editora da Unicamp quando da aprovação deste título, a quem sou grata, assim como sou grata a Ricardo Lima, coordenador editorial desta mesma Editora, que acompanhou cuidadosamente a produção deste trabalho.

Marina, minha filha, tem sido um apoio incondicional, ao lado dos meus irmãos, Antonio Rago Filho e Elisabeth J. Rago, professores como eu, e de muitos outros amigos. Não tenho palavras para expressar minha gratidão a todas essas pessoas e a muitas outras que não mencionei neste momento.

Em lugar de apostar na eterna impossibilidade da revolução e no retorno fascista de uma máquina de guerra em geral, por que não pensar que um novo tipo de revolução está se tornando possível...?

Gilles Deleuze

SUMÁRIO

PREFÁCIO: VIVER NO FEMININO — UMA MAIS SETE HISTÓRIAS DE VIDA.....	13
INTRODUÇÃO: BALIZAS.....	23
<i>Essas mulheres</i>	34
<i>Feminismos, artes do viver e escrita de si</i>	42
1 EXPERIMENTAÇÕES.....	61
<i>O que é a história de um país?</i>	66
<i>Desconstruindo-se no Recife</i>	83
<i>Nas linhas de fuga da contracultura</i>	88
<i>Entre planícies, vales e colinas, a travessia de Maria</i>	97
<i>Vivendo o feminismo em Paris</i>	104
<i>A universidade estava um saco...</i>	112
2 CARTOGRAFIAS.....	117
<i>Aborto versus qualquer coisa...</i>	120
<i>Refazendo</i>	134
<i>O exílio de Maria e a opção feminista</i>	148
<i>A biblioteca de Norma</i>	159
<i>Otilia-Gabriela, “um teimoso passaporte”...</i>	166
<i>A desconstrução de Tânia</i>	179

3	“UM LUGAR NO MAPA...”	193
	<i>Novos modos de ação política</i>	193
	<i>Amelinha: unir as mulheres</i>	195
	<i>Criméia e a história a contrapelo</i>	209
	<i>Maria, por um feminismo sensível</i>	226
	<i>Gabriela e o “prazer Davida”</i>	240
	<i>Ivone, o fio da liberdade e o cheiro do presente</i>	257
	<i>Tânia: o feminismo como poética do pensamento</i>	279
	<i>Imaginação, poética e aventura em Norma Telles</i>	297
	CONCLUSÃO: “...É TAMBÉM UM LUGAR NA HISTÓRIA”	313
	FONTES	323
	<i>Jornais feministas</i>	327
	<i>Jornais — décadas de 1970-1990</i>	328
	<i>Documentos diversos</i>	328
	<i>Arquivos</i>	328
	BIBLIOGRAFIA	329

PREFÁCIO

VIVER NO FEMININO — UMA MAIS SETE HISTÓRIAS DE VIDA

A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade, de Margareth Rago, deverá surpreender até os leitores habituais dessa autora, que já frequentaram outras de suas obras originais como *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Este impressionante novo livro é uma obra *sui-generis* que não tem medo de desafiar certos academicismos. Ele mostra a maturidade intelectual cheia de *insight* e segurança a que chegou Margareth. A autora foge a muitos dos formalismos e dispensa com certa autoironia modos padronizados e monotonamente repetidos da apresentação acadêmica. Elege uma forma próxima à narrativa de estórias, no sentido da narrativa tradicional, sem preconceitos contra uma modulação que muitas vezes está mais próxima da oralidade do que da escrita. *Et pour cause...* O leitor ficará, talvez, intrigado lendo estas páginas disruptivas, ao perceber por si mesmo que o formalismo desacreditado, o grafocentrismo com sua mania de documentação, o desdém pela oralidade e os rigorosos códigos acadêmicos fazem parte de uma mesma cultura positivista e falocêntrica que este livro

justamente busca criticar e desconstruir. A visada feminista desta obra não quer construir um novo poder, no feminino, mas, antes, desconstruir poderes e mostrar como certos dispositivos acadêmicos estão profundamente comprometidos com o domínio masculino e falocêntrico.

Mas esse aspecto, digamos, epistemológico, que escova a contrapelo nossos hábitos arraigados, é na verdade para ser observado na prática aqui. Margareth não o aborda de modo explícito: opta pela *performance* como o melhor meio didático. E acerta em cheio. Esse aspecto *performativo* na verdade caracteriza todo o texto. Ele tem a ver com um modo de escrita que não hesita em se deixar eletrizar pela paixão e mesmo pelas correntes de êxtase ou de terror que podem porventura percorrer nosso corpo quando tratamos de temas tão impregnados de vida e morte. Temos aqui uma escrita anímica: animada (e não morta-viva), que nos contagia com sua energia. A autora, uma colecionadora de vozes, como que se torna presente em carne e osso para seu leitor. *Performance, mise en action*: letra viva. Esta sim talvez seja uma escrita no feminino. Não porque escrita por uma mulher, mas por se abrir a essas ondas de força desestruturantes, por se deixar abalar pela paixão e pela compaixão. Não se trata, no entanto, de pieguice, longe disso, e sim de correr o risco de abrir a escrita a tudo aquilo a que a prática acadêmica sempre resistiu, com seu medo das emoções, da sensibilidade, das subjetividades e mesmo das dúvidas.

Essa abertura não implica tampouco abrir mão do rigor. Margareth é rigorosa, meticulosa e percorreu uma enormidade de fontes para escrever esta obra. Mas o modo como ela *apresenta* sua escrita recusa a retórica da documentação e do empilhamento de provas. Essa escrita está comprometida com a verdade, mas não com a verdade do positivista, representacionista, que vê na linguagem puro meio de comunicação e despreza seu momento sensual, denso. A verdade de que se trata aqui é aquela à qual Foucault

se referia ao reviver o conceito antigo de *parrhesia*, o dizer a verdade sem medo. Trata-se de uma verdade eminentemente política, que fere, provoca e desmonta o *establishment*. Quem pratica esse *falar-franco* sabe que a verdade que emite é também a sua própria opinião, que defende com palavras claras e diretas. Essa é a verdade essencial que normalmente nossos trabalhos, vindos da academia, infelizmente, desprezam ou nem reconhecem existir.

Nossa escritora, essa autora pós-autoral, dá a voz neste livro a outras sete mulheres. Ela acolhe as narrativas das vidas dessas sete “personagens”. Cada uma dessas mulheres, todas nascidas cerca de 60 anos atrás, tem sua vida, sua obra e suas atividades escrutinadas com iguais doses de rigor e de carinho. O que poderia parecer uma simples reencenação do gênero tradicional das “histórias de vida” de Plutarco ou Suetônio é, antes, uma desconstrução das biografias tradicionais. Estas eram calcadas na ideia de grandes vidas exemplares, exaltavam o heroísmo e as enormes façanhas de “grandes homens”, em histórias lineares que mostravam suas ascensões sem ambiguidades. Já nas histórias de mulheres tratadas por Margareth, a luz não recua diante dos acidentes, das quebras e rupturas, não deleta as ambiguidades das situações vividas e não nos furta dos momentos de derrota, com todo o custo que representaram. Ao invés da via ascendente do estilo sublime, das narrativas de vida tradicionais, Margareth recria esse gênero de um ponto de vista feminista e engajado. As passagens (de vida) abjetas, quando a vida se reduz a quase nada e a carne e os fluidos do corpo ganham um espaço que ofusca as ideias e embota a fala, são igualmente lembradas, ao lado das vitórias e das lutas que vingaram dessas sete bravas personagens. Elas fazem parte da geração de mulheres que introduziu no Brasil, em larga escala, o ideário e as bandeiras feministas, responsáveis por mudanças gigantescas em uma sociedade arquipatriarcal, ainda predominantemente machista, mas que aos

poucos referendou importantes conquistas em termos de universalização da igualdade de direito.

Essas mulheres tiveram que enfrentar muitas batalhas. Antes de mais nada, elas foram obrigadas a reinventar a política. Em vez das grandes lutas revolucionárias, do ideal político centrado na figura do Estado e do Governo, erigiram as micropolíticas. Como as ações dentro das próprias famílias, em bairros e em grupos específicos. Margareth destaca muitas dessas ações, como, por exemplo, a atuação de Amélia de Almeida Teles, a Amelinha (uma das sete mulheres apresentadas), que ajudou a criar o Grupo de apoio às bolivianas de São Paulo. Amelinha foi uma sobrevivente da luta contra a ditadura, e seu engajamento, como o de algumas outras mulheres estudadas aqui, justamente migrou da atuação partidária para a política mais voltada às questões locais, ou de uma política que inclui aquilo que até há pouco era considerado parte apenas da esfera privada, “feminina”.

Margareth estuda essas sete vidas a partir de depoimentos que colheu delas, mas também de muitos escritos e entrevistas de caráter autobiográfico. Este livro é, portanto, uma coleção e montagem dessas “escritas de si”. Assim como essas mulheres recorreram à prática da escrita de si para tentar se reinventar, costurando suas subjetividades a partir de suas trajetórias, conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como ferramenta política, inspiradas pelas lutas feministas, do mesmo modo Margareth, ao reinscrever essas vivências, dando a elas uma acolhida aberta e generosa, perfilando-as lado a lado, contextualizando essas narrativas, justamente destaca o aspecto feminista e disruptivo dessas experiências. Elas são, assim, potencializadas, apresentadas como parte de histórias locais, mas ainda de uma história nacional e internacional. (A mirada feminista também tende a ser pós-nacional, já que é basicamente crítica das identidades estanques.) O método de construção desse quadro histórico é original por ser amplamente sub-

jetivante (e não positivista e alérgico aos testemunhos orais e às escritas de si); por enfatizar programaticamente o aspecto libertário e feminista dessas histórias de vida; por circular entre elas como em uma narrativa literária ou fílmica, alternando momentos e aspectos do cotidiano e do trabalho de cada uma dessas mulheres, conformando um rico painel à imagem de um caleidoscópio. Trata-se de uma narrativa em forma de *short cuts*, lembrando do filme homônimo de Robert Altman, na qual as cartas da vida de cada personagem são embaralhadas umas às outras.

Vale notar também que, como não poderia deixar de ser, tendo em vista a proposta do livro e seu mencionado caráter *performático*, existe uma oitava carta nesse baralho, uma outra vida que se mistura à dessas personagens: essa vida é a da própria Margareth. Não que ela faça uma escrita de si, narrando em primeira pessoa sua vida; antes, trata-se de uma *heteroautobiografia*, ou seja, de uma escrita de si que se dá através da reinscrição das vidas de *outras* mulheres. Margareth é da mesma geração que está retratando, e seu modo de narrar, a referida energia de sua escrita (auto)*performática*, advém justamente dessa sua participação nesse grupo de mulheres. Trata-se de um caso raro de “autoinscrição heterodiegética”, ou seja, de uma obra na qual a narradora não é personagem explícita da história, mas, mesmo assim, está presente e de modo central. Ao invés de se antepor e colocar sua vida em primeiro plano, a autora recua e mostra-se como uma coletora e apresentadora de outras vidas. Ela surge diante do leitor como uma contadora de histórias que também dizem respeito a ela de modo essencial.

Mas se falo aqui de outriedade é porque Margareth tanto enfatiza a *singularidade* de cada vida narrada, como constrói uma *comunidade* marcada pelas lutas contra a ditadura, pelo inicial engajamento nas esquerdas e posterior virada feminista, quando discursos micropolíticos são entronizados. Essas sete (mais uma) vidas narradas de mulheres são um modo de apresentar 50 anos de

história. Assim como na política elas abandonaram os grandes partidos, conceitos e motes abstratos a favor da luta pelo direito a uma maternidade mais digna e plena (licença-maternidade, creches etc.), contra o feminicídio, pela dignidade no trabalho e pela memória dos feitos das mulheres (artistas, escritoras, esquecidas em nossos livros e antologias, ou aquelas que se engajaram contra a ditadura), por novas formas de vida e subjetivação (nômades e impertinentes contra os poderes, avessas aos tabus sexuais), contra a exploração sexual e pela igualdade no mercado de trabalho, do mesmo modo, a câmara de Margareth foca na maior parte do tempo no micrológico. Para Margareth, os fatos de vida narrados já são teoria: uma série de lições paradigmáticas de vida. Mas sua câmara também passa com desenvoltura, quando sente necessidade, para o enquadramento panorâmico, recuando então para traçar contextos e apontar entrecruzamentos nas vidas de suas personagens. Conceitos advindos de Foucault, Benjamin e Deleuze ainda enriquecem e cimentam suas análises.

Essa passagem da grande política para as ações de caráter mais comunitário já havia sido retratada em um belo filme de Lúcia Murat, *Que bom te ver viva*, lembrado por Margareth, no qual aparece Criméia Alice de Almeida Schmidt. Criméia também é personagem deste livro. Ela é uma sobrevivente da Guerrilha do Araguaia que lá perdeu seu companheiro e pai de seu filho. Falando de Criméia, a narradora do filme de Murat destaca a passagem da onipotência da guerrilha para as reuniões de mulheres onde se discute a política do dia a dia. “A dimensão trágica virou coisa do passado. E qualquer tentativa de ligação lembra um erro de roteiro.” Isso já nos anos 1980. Esse filme, aliás, apresenta ainda semelhanças formais com o livro de Margareth, já que também trata da vida de mulheres que lutaram contra a ditadura, embaralhando essas histórias à vida da diretora, Lúcia Murat (encarnada na atriz Irene Ravache).

A autobiografia, lembra Margareth, é um gênero literário com uma tradição masculina. O contraponto aqui foi justamente o de dar um rosto feminino a uma história que é normalmente narrada por homens, para homens e sobre homens. Para tanto, ela recuperou a “escrita de si”, no sentido foucaultiano de construção da subjetividade que mantém sua abertura e o caráter processual do ser como devir. Vale lembrar que também o testemunho tradicional, jurídico e religioso tem uma face masculina e falocêntrica. Nas sociedades tradicionais as mulheres não são reconhecidas como testemunhas. O testemunho fazia parte de um dispositivo de controle dos corpos e da mente de pessoas que tinham de testemunhar “verdades” diante de autoridades que assim eram ratificadas na mesma medida em que culpas eram estabelecidas. Na escrita de si, por sua vez, vemos atuar um testemunho mais auricular do que visual e espetacular. Em vez da lógica falocêntrica do acúmulo de provas, predomina o trabalho mais sutil da reconstrução do sujeito e de sua rede de relações. O individual muitas vezes cede ao coletivo — como nesta *autohetero* narrativa de Margareth. A cena do testemunho, o face a face, a constelação de forças do *presente* deixam suas marcas no testemunho, tanto quanto a perspectiva dos fatos, a entonação da voz, os silêncios e os gestos de quem fala. O passado, nesse testemunho auricular, é antes de mais nada um pretérito *do* e *no* presente. A posição de quem fala e seu objetivo político também são constitutivos de sua narrativa. Assim, Margareth escreve este livro não apenas para fazer uma brilhante história do feminismo no Brasil, de sua irrupção nos últimos 40 anos, para nos apresentar sete maravilhosas histórias de vida, para retirar as mulheres do anonimato da história, mas também para dar força a um movimento que visa revolucionar o modo de pensar e fazer a política, de trabalhar intelectualmente, de se relacionar com o corpo e de interagir em seu meio.

A postura autocrítica precoce dessas mulheres com relação às lutas dos partidos e grupos de oposição e revolucionários nos anos 1970 faz também com que se descortine o fato de que no Brasil surgiu uma autocrítica muito próxima ainda aos movimentos revolucionários. Muitas dessas mulheres foram vítimas do caráter machista e autoritário dos partidos e das organizações de esquerda. Esses modelos políticos e teóricos (como em parte o próprio marxismo) estavam presos a um modo teológico-político de pensar a ação na sociedade, com seu desejo escatológico de redenção total da humanidade. Desse dispositivo revolucionário o autossacrifício e a violência eram elementos essenciais. Em parte foi esse falocentrismo que fez essas mulheres despertarem para a necessidade de estabelecer novos padrões de pensamento e de atividade política, nos quais uma verdadeira liberdade poderia ser visada. Essa autocrítica extremamente precoce quanto às esquerdas e seu projeto revolucionário é singular na América Latina e merece ser mais estudada de perto como fenômeno.

Essa autocrítica também se estendeu ao período pós-ditadura, quando essas personagens já estavam engajadas em suas lutas e perceberam que os partidos que antes eram de oposição e mesmo os de esquerda não foram capazes sequer de dar forma a um movimento por justiça com relação à política de terror de Estado de 1964 a 1985. Percebe-se uma aliança e até mesmo uma fusão dos partidos em torno desse pacto de silêncio, bem como de outros pontos fulcrais das demandas políticas, que suspende a diferença efetiva entre “esquerda” e “direita”.

Todas as mulheres retratadas aqui, sempre referidas pela autora na concretude de seus prenomes, Tânia Navarro Swain, Norma de Abreu Telles, Maria Lygia Quartim de Moraes, Ivone Gebara, Gabriela Silva Leite e as já mencionadas Criméia e Amelinha, são fonte de inspiração que, como Margareth, a oitava mulher nesta história, devem se tornar parte de nossa história viva e concreta.